

DIDÁTICA E SUJEITOS DA EDUCAÇÃO NA PÓS-MODERNIDADE
TEACHING AND SUBJECT OF EDUCATION IN POST-MODERNITY

Josefa da Conceição Silva

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal.

jose_fada@hotmail.com

RESUMO

O trabalho visa apresentar reflexões entre didática e sujeitos na educação na pós-modernidade. Para tanto, é feita uma revisão da literatura sobre os dois assuntos, e comparadas as idéias dos autores. Por fim a reflexão aponta que possui-se hoje a representação de novos mundos e novas maneiras de pensar o ser humano; ao nos apropriarmos dela, não é possível deixar que permaneça fora desse contexto. A representação deve pretender um conhecimento pertinente, complexo, que reúna, contextualize, globalize as informações e os saberes, garantindo a existência de uma unidade em toda pluralidade e, da mesma maneira, uma pluralidade em toda a unidade.

Palavras-chave: Didática, conhecimento, globalização, pluralidade, sujeitos

ABSTRACT

The paper presents reflections on the subject between instruction and education in postmodernity. Therefore, there is a review of the literature on both subjects, and compared the ideas of the authors. Finally reflection points which has today become the representation of new worlds and new ways of thinking humans, to purloin it, you can not let that stand outside that context. The representation should you require a relevant knowledge, complex, possessing, contextualize, globalize information and knowledge, guaranteeing the existence of a plurality and unity throughout, the same way, a plurality throughout the unit.

Keywords: Teaching, learning, globalization, diversity, subject

Introdução

Neste início de século fala-se em muitas crises: de valores, de identidade, da sociedade e, como não poderia deixar de ser, da Educação, até porque ela está intrinsecamente relacionada com os conceitos de sociedade, de valores e das identidades.

As discussões expandiram-se, desse modo, para um âmbito mais geral, ou seja, para esse período que vivenciamos, pleno das mais diversas crises, transições e profundas mudanças na racionalidade e nos caminhos da Ciência na modernidade, originadas nos grandes avanços da tecnologia e da globalização, o que redundou, conseqüentemente, em uma outra crise mais ampla e abrangente: a crise paradigmática pela qual atravessa o conhecimento, do qual reflexo a Educação é não só herdeira passiva, mas, também, protagonista atuante, enquanto fonte produtora desse mesmo conhecimento em crise.

Para melhor nos situarmos no contexto atual de crise epistemológica, utilizamos da visão que o sociólogo português, Boaventura de Sousa Santos, apresenta do paradigma dominante e sua crise em andamento, bem como do paradigma que emerge entre os fantásticos avanços e riscos da Ciência da modernidade, tentando encontrar um novo caminho sem, contudo, abandonar a razão.

Didática e sujeitos da educação

A grande revolução que introduz a modernidade, após o medievo centrado na contemplação das verdades reveladas, foi provar que a Ciência é somente o que se comprova pela experiência e pela pesquisa, abandonando todas as outras formas de saber. Presumiu-se que a quantificação e a separação pudessem explicar toda a complexidade da natureza que, na atualidade, insiste em sinalizar o quanto se ressent de estar há tempos sendo pressuposta tal qual uma máquina e, insistentemente, manipulada e transformada. Surgia, aí o sujeito do Iluminismo “centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação”; um “indivíduo soberano”, cujo “nascimento” representava uma ruptura importante com o passado.

Pode-se dizer que os principais movimentos na cultura e no pensamento ocidentais tiveram em seu bojo as idéias dos dois hemisférios que compõem o grande cérebro construtor da racionalidade científica moderna, Descartes e Newton, que, a tal

ponto influenciaram o pensamento na modernidade que, ainda hoje, algumas de nossas principais vias de conhecimento são cartesianas. Essas vias são igualmente sustentadas em um totalitarismo dogmático digno da Idade Média, uma vez que nega o caráter racional de outras formas de conhecimento por serem encaradas como não podendo ser sustentadas pelos princípios epistemológicos das Ciências naturais, tratando como um obstáculo ao cientificismo àquilo que se configura, apenas, como qualidades e características específicas de alguns saberes.

A supervalorização da razão, em detrimento das outras funções dos seres humanos, ao lado do conhecimento fragmentado e decomposto, alertou diversos pensadores e cientistas sobre a possibilidade de que a razão poderia não ser onipotente para conduzir os destinos da sociedade humana e resolver os inúmeros problemas conseqüentes, tornando-se, muitas vezes, ela própria, a razão de muitos deles.

Um ponto importante nessa transição de uma concepção de um “sujeito da razão” para a de um sujeito mais social, deu-se especialmente devido às grandes mudanças sociais que passaram a acontecer nas sociedades modernas; suas estruturas se tornaram mais complexas e elas adquiriram uma forma mais coletiva e social, demandando uma nova forma de viver e de conceituar a individualidade.

Para o conhecimento científico, os elementos da natureza podem ser demonstrados e relacionados em forma de lei e, com base nessas leis, a Ciência pode determinar seu funcionamento, como um robô, ou seja, assim como foi possível descobrir as leis da natureza, também seria possível descobrir as leis da sociedade. Daí o caráter empírico mecanicista assumido pelas Ciências sociais. A pretensão de oferecer melhores condições de vida para o ser humano, em um mundo justo e equilibrado, centrada na Ciência moderna, foi abalada diante dos episódios que vieram a desestruturar as antigas certezas, tais como as guerras mundiais, o surgimento de doenças inimagináveis, o capitalismo desenfreado e cruel, a comunicação globalizada e monomaniaca, gerando processos perversos de exclusão, alienação e injustiça social.

O determinismo mecanicista da Ciência moderna, o qual rege a construção do conhecimento dentro do paradigma dominante, é cada vez mais inviabilizado através das inúmeras descobertas e teorias científicas. Basicamente, a noção de lei está sendo substituída pela de sistema e processo e, uma vez exterminada a idéia de lei, extingue-se, também, a idéia de causa,

que se apresenta, hoje, apenas como uma forma de determinismo, o que lhe dá uma posição limitada no estágio atual do caminho científico.

Os objetos têm fronteiras cada vez menos definidas; e sua construção se faz através de elos que se entrecruzam em uma teia complexa e abrangente, a tal ponto que “os objetos em si são menos reais que as relações entre eles”. (Santos, 2005, p. 73).

Essa crise, no entanto, não descarta a Ciência, em momento algum; nem, tampouco, exalta os indivíduos à desesperança quanto ao futuro. Ao contrário, prenuncia a chegada de um novo conhecimento, edificado através de uma outra concepção de Ciência, expressão de uma racionalidade mais plural, de uma configuração cognitiva mais ampla, criativa e totalizante.

Diante dos avanços obtidos em vários campos das Ciências, alguns cientistas têm sido unânimes em obter resultados e explicações que os levam a conceber a realidade não mecanicista do comportamento de determinados fenômenos. Estes pensadores propõem uma forma de visão unificada da natureza, na qual faz pouco sentido a distinção entre o orgânico e o inorgânico, entre os seres vivos e matéria inerte, e mesmo entre o humano e não humano.

Tais avanços podem ser identificados em Hall (2001 p. 34-46), destacando-se não somente uma desagregação desse sujeito social, naquilo que o autor resolve chamar de “modernidade tardia”, mas também apresentando uma nova concepção de sujeito, mais ampla e mais deslocada, representando, finalmente o total descentramento do sujeito cartesiano.

O conhecimento do paradigma que começa a se manifestar tende ao não-dualismo e à superação de distinções tais como a divisão sujeito/objeto, natureza/cultura, mente/matéria etc., e a distinção dicotômica entre Ciências naturais e Ciências sociais, que vem imperando nos caminhos para a construção dos saberes, deixa de existir, uma vez que esta separação origina-se em uma concepção mecanicista da natureza, contrapondo os conceitos de indivíduo e sociedade.

Os principais avanços destacados por Hall em seu texto dizem respeito, especificamente, a nova leitura acerca dos escritos de Marx, cuja nova interpretação dava conta de apresentar o sujeito não como soberano em si, mas “sujeitado” às condições históricas criadas por outros, cujos recursos de ação, por sua vez, já haviam

sido fornecidos por outros que lhes antecederam. Perde-se então a noção da existência de uma “essência universal de Homem, alojada em cada sujeito individual” (op cit. loc cit.).

Outro grande impacto na soberania humana, pensada pelos racionalistas, foi a descoberta de que a identidade humana é construída através de um processo de identificação com modelos sociais que fazem parte da vida do indivíduo e da não existência de uma capacidade inata de identidade. Tal pensamento diz respeito à compreensão sobre a “formação inconsciente do sujeito”, postulada por Freud e seus discípulos, em especial, Jacques Lacan.

Dando continuidade à série de descobertas científicas que derrubaram, finalmente a idéia do sujeito da razão, os argumentos de Ferdinand de Saussure, sobre a lingüística estrutural, representara um avanço na compreensão de que a língua não é um sistema individual e sim social que preexiste antes de nós, cuja utilização ativa uma imensa gama de significados que não foram dados somente pelo indivíduo, mas também pelo contexto em que a língua foi utilizada. Essa descoberta foi então relacionada à compreensão de que a identidade do indivíduo não está determinada a priori, mas é construída na interação do indivíduo com o seu contexto, cuja estrutura também não é fixa, mas inerentemente instável como as palavras. Além destes, outros autores contribuíram, sobremaneira para a descentralização do sujeito moderno, cujos pensamentos podem ser encontrados no texto citado e cuja alusão direta não vai ser destacada aqui neste trabalho.

Uma característica marcante nesta nova forma de pensar o sujeito moderno diz respeito à sua relação com os paradigmas científicos que passaram a surgir a partir desse momento: a idéia de que todo conhecimento é total, ou seja, rejeita o modelo de fragmentação da Ciência moderna, cujo rigor aumenta na proporção direta em que se divide o real.

Neste novo conceito de Ciência emergente através do novo paradigma, os conhecimentos caminham à medida que o seu objeto se amplia, construindo novas e variadas interfaces; o conhecimento moderno não é autoritário nem determinista, pois se constitui através de uma pluralidade metodológica - não uma pluralidade indiscriminada, mas, sim, um conhecimento constituído a partir das condições de possibilidades baseadas na transdisciplinaridade.

O ato do conhecimento e o sujeito que o produz são inseparáveis nessa nova racionalidade científica, na qual a Ciência assume uma forma íntima que não separa o objeto estudado daquele que o estuda, levando o objeto a configurar-se como “continuação do sujeito por outros meios. Por isso, todo conhecimento emancipatório é autoconhecimento” (Santos, 2005, p. 83).

O paradigma da Ciência moderna rompe com outras formas de conhecimento que são designadas como senso comum, ou “conhecimento vulgar”, tornando-se um paradigma não só hegemônico como único, e, como tal, relegando a uma posição de vulgaridade ou de ignorância todas as outras formas de conhecimento.

Ao contrário, o novo paradigma considera que necessitamos desse senso comum, pois ele enriquece nossa relação com o mundo. É capaz de também produzir conhecimento, pois possui uma dimensão libertadora que pode ser ampliada por meio do diálogo com o conhecimento científico.

A estrutura desse pensamento é baseada na complexidade que presume a interação de saberes os mais diversos. A verdade da Ciência não está em um único saber adquirido e oficializado, como presume a racionalidade moderna, mas em um caráter aberto à complexidade do real, com o objetivo de construir um conhecimento multidimensional, em detrimento do pensamento simplista e reducionista; não há certezas absolutas e, conseqüentemente, não pode haver um saber total – o conhecimento se constrói continuamente e nunca se esgota.

O todo é uma unidade complexa e não se reduz à soma das partes isoladas que o constituem. Na verdade, cada parte específica, em contato com as outras, modifica a si própria e também o todo. É necessária a superação de toda fragmentação nos mais variados aspectos do conhecimento e, paralelamente, tornar, simultaneamente, o sujeito do conhecimento em objeto do conhecimento. Como o conhecimento e a ação são inseparáveis, se o pensamento for reducionista e fragmentado, as ações também o serão, tornando o saber simplista e incompleto.

As características particulares do indivíduo, que o singularizam, ao mesmo tempo o diferenciam como autor de seu projeto organizador o tornam sujeito, um ser complexo, capaz de se auto-organizar e de estabelecer relações com o outro, e é nessa relação que o sujeito, interferindo e modificando o seu meio num processo de “auto-

organização”, a partir de sua dimensão ética, reflete seus valores, escolhas e percepções do mundo.

Esta noção de sujeito, compreende a inseparabilidade das concepções humanística, biológica e metafísica, configurando um ser único, no seu aspecto subjetivo, maior que as diferenças genéticas, psicológicas e morfológicas.

Dessa forma, o indivíduo está presente na sociedade que, por sua vez, está contida no indivíduo. Ou seja, o total das normas, linguagem e cultura que representam uma comunidade está inserido particularmente em cada sujeito que a compõe, sujeitos esses responsáveis pela produção e manutenção desses mesmos elementos normativos, lingüísticos e culturais.

Tais modificações a respeito da forma de se conceitualizar o sujeito moderno ou “pósmoderno”, como preferem identificar alguns autores, têm provocado transformações estruturais na forma de se pensar e de se fazer educação nos últimos tempos.

As mudanças que vêm ocorrendo nas metodologias de ensino/aprendizagem estão intimamente relacionadas às discussões que acontecem no plano epistemológico.

O pensamento complexo é, ao mesmo tempo, antagônico e complementar, em constante transformação e assim também são o ensino e a aprendizagem. A escola deve incentivar a comunicação entre as diversas áreas do saber, desmoronando as fronteiras que reprimem a aprendizagem como um todo. Transdisciplinaridade é a prática do que une (e não separa) o múltiplo e o diverso no processo de construção do conhecimento.

Viver sob a égide da incerteza é o grande desafio da condição humana na atualidade, e a escola deveria preparar o sujeito para conviver com essa ambivalência. Tal como a vida humana, a busca de conhecimento é uma aventura incerta. As escolas precisam transmitir a compreensão dessa diversidade para o aprendizado da aceitação do outro como diferente, garantindo a afirmação da solidariedade que envolve o respeito à liberdade.

Considerações

As dimensões sociais, políticas e ideológicas fazem-se necessárias quando se afirma que a Educação tem como um dos seus objetivos preparar as novas gerações para o futuro. Levando em consideração as postulações dos analistas que expõem a situação

de risco em que se encontra a Educação na atualidade, o contexto efervescente de debates, polêmicas e incertezas deve ser utilizado como material propulsor (tanto para os educadores como para os educandos), para a revisão e reconstrução tanto da estrutura organizacional educativa, como dos conteúdos e procedimentos didáticos, bem como as relações entre educadores e alunos.

Estamos diante de um mundo singularmente novo, em meio às importantes evoluções ocorridas nas últimas décadas, que ocasionaram uma revolução radical na nossa visão de espaço, tempo, da evolução humana e, também, do papel da Educação.

Possuímos hoje a representação de novos mundos e novas maneiras de pensar o ser humano; ao nos apropriarmos dela, não é possível deixar que permaneça fora desse contexto. A representação deve pretender um conhecimento pertinente, complexo, que reúna, contextualize, globalize as informações e os saberes, garantindo a existência de uma unidade em toda a pluralidade e, da mesma maneira, uma pluralidade em toda a unidade.

Referências

GADOTTI, M. **Desafios para a era do conhecimento**. In: Viver Mente & Cérebro. São Paulo: Ediouro, Segmento-Duetto Editorial, n.6, p. 6-15, 2006 (Coleção Memória da Pedagogia. Suplemento Especial: As Novas Tecnologias: perspectivas para o novo milênio).

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2005.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências.** Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 1996 (Coleção Histórias e Idéias, v. 1).

_____. **Introdução a uma ciência pós-moderna.** Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 1998 (Coleção Biblioteca das Ciências do Homem, v. 10).

_____. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência.** São Paulo: Cortez, 2005.